



José Cardoso Pires

OS VELHOS DE JARDIM

Aparecem como os gatos quando há sol, mas em bando.

De gatos sabemos nós, não há cidade onde eles estejam mais presentes sem se fazerem notar como Lisboa; mas os velhos de jardim quem os adivinha na sua biografia? Fechados a sete chaves na reforma ou na viuvez, enquanto o mau tempo os tem de aviso, saltam para a rua assim que se abre o sol e distribuem-se pelos jardins a jogar às cartas. Fazem grupo, montam mesa nos bancos que

e quase sagrada, têm o trânsito mesmo em cima: eléctricos, autocarros, a vida activa e voraz. Mas não cedem, mantêm-se velhos e em sociedade à volta do baralho que é a leitura que os embala no ante-sono final. Trunfos, na idade a que eles chegaram, já não é a corrida à vida que lhes pode dar. Sendo assim, lucidez acima de tudo, contentam-se com os que lhes trouxeram uma partida de biscoito ou de sueca e olha lá.

Mas é no Alto de Santa Catarina que eles praticam os seus encontros de azar e de fortuna em maior à-vontade. Estão quase a prumo sobre o Tejo, protegidos pela estátua do mostrengo Adamastor: a cidade parou ali, parece. A pouca gente que passa é toda de vizinhos que não têm tempo para admirar o vazio luminoso que se abre até à Outra Banda.

Os velhos também não. Estudam as cartas, medem os parceiros, estão, em suma, entregues a uma conspiração marginal dentro do mundo que lhes fugiu. A seus pés descem ruas apertadas e travessas em escadaria a caminho do Conde Barão e aos cais do rio, mas os velhos, que as conhecem de tal modo e desde sempre, nem sequer dão por elas. Nem por elas nem pelo elevador da Bica que anda num vaivém cansado através daquela geografia, por entre roupa a secar às janelas, conversações de vizinhas e putos em pé de guerra. É uma carruagem ronceira, uma instituição popular. Às vezes, da porta duma taberna alguém estende uma cerveja ao condutor e o homem, sem interromper a marcha lenta, leva-a à boca a golos repousados para a fazer durar até ao regresso.

Hoje, sempre que passo pela Bica e vejo aquele trepador a deslizar nos carris lembro-me da balada de Lawrence Ferlinghetti sobre “Os Elevadores de Lisboa” e da ternura com que ele viu a cidade popular através deles:

“Os elevadores de Lisboa / a subirem e a descer e a subirem / como se desde o início dos tempos / carregassem a vida de Lisboa / a subirem e a descer e a subirem...”

e vejo-o, como na minha infância, com garotos à boleia, pendurados em cachos nas traseiras.

Sobranceiro, em paz distante, o Alto de Santa Catarina é como se não tivesse nada com o que se passa à sua volta. Céu e Tejo, horizontes vastos — para aí é que ele se vira, e há um silêncio de província que nos afasta ainda mais para longe. Aqui pode-se olhar em solidão e para lá da paisagem. Quando os lisboetas dizem “ver navios no Alto de Santa Catarina” estão a apontar este terreiro, esta varanda, como um lugar de sonho de viagem ou, nas horas de desgano, como uma penitência das aventuras frustradas.

Penso nisto sempre que vejo aqueles velhos a tentarem a sorte tão no cume da cidade, frente ao Tejo. Repetem-se todos os anos e continuarão a repetir-se enquanto Deus lhes for dando vida porque, logo que o sol aparece, eles aí estão no mesmo banco e na mesma companhia a continuarem a sua cruzada de jogadores confiantes.

Um dos mais fiéis e dos mais antigos afirmou um dia que, quando morresse, queria levar para a outra vida um crucifixo na mão e um baralho de cartas no bolso. Era um homem prevenido, disse alguém. ●

Alheios à alegria que anda à solta enquanto eles matam o tempo que lhes resta de vida com encartes e destrunfos, fartos de cuspo e de conselhos, como dizia o O'Neill, deixaram de ter ouvintes e remeteram-se a si próprios. Logo que o sol aparece, eles aí estão no mesmo banco e na mesma companhia a continuarem a sua cruzada de jogadores confiantes.

dantes eram para os namorados e, cheios de saber e convicção, batem o ás e a manilha com a prudência que lhes deu a velhice.

No Jardim da Estrela, que é território de crianças, transformam-se em ilhas dispersas, alheios à alegria que anda à solta enquanto eles matam o tempo que lhes resta de vida com encartes e destrunfos. São assim, deixá-los ser. Fartos de cuspo e de conselhos, como dizia o O'Neill, deixaram de ter ouvintes e remeteram-se a si próprios. No Príncipe Real, com aquela árvore larga ao centro, maternal